



GÊNEROS

E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



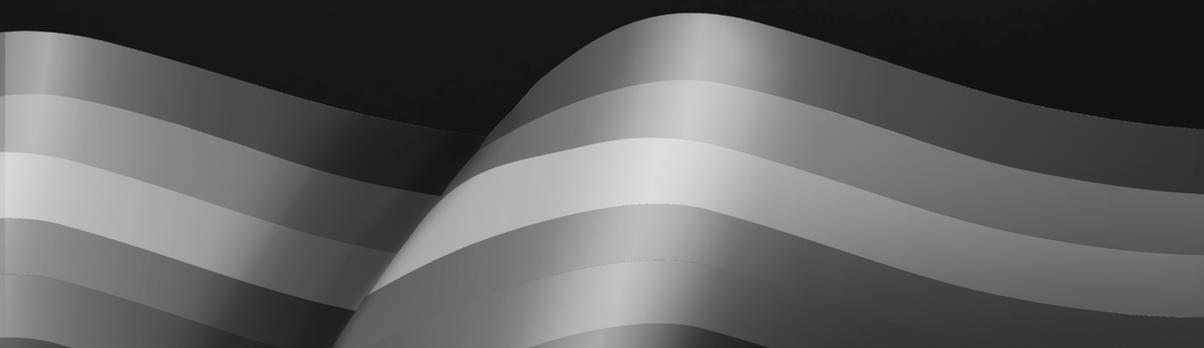
GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes / Organizadores Marcelo Chaves Soares, Edmar Reis Thiengo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0754-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.546220111>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Soares, Marcelo Chaves (Organizador). II. Thiengo, Edmar Reis (Organizador). III. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Mais do que uma apresentação, este é um convite para juntos caminharmos pelas veredas que os gêneros e as sexualidades nos proporcionam. As veredas de dissidência e resistência são caminhos que querem desvelar desigualdades, transgredir a norma e subverter a cisheteronormatividade.

Este trabalho é um esforço coletivo de pesquisadoras e pesquisadores empenhadas em pensar, para além do senso comum, o sistema Sexo x Gênero x Sexualidade produtor de enquadramentos (BUTLER, 2019). Mais que pensar, os textos aqui dispostos atuam numa perspectiva contradisciplinar ou contrassexual (PRECIADO, 2014).

O trabalho se divide em três grandes veredas: a primeira vereda, “Sexualidade, Narrativas e Educação”, discute a sexualidade a partir de narrativas com foco na Educação Básica. Nesse sentido, os textos falam de percepções de estudantes acerca das questões que envolvem a sexualidade, do mesmo modo que denunciam a necessidade urgente de trazer ao espaço escolar o debate da sexualidade.

A segunda vereda, “Gênero, Corpo e Dissidências”, analisa as questões do corpo e do gênero em diferentes perspectivas sócio-filosóficas, mobilizando discussões que analisam as influências da tecnologia nos debates de gênero nos últimos anos, pensando o corpo a partir de narrativas insurgentes em diálogo com a Educação, mas, também com a arte e a filosofia.

A terceira e última vereda, “Sexualidades e outros contextos”, traz reflexões sobre sexo e sexualidade, de modo que busca romper silenciamentos e apagamentos de temáticas que outrora eram tratadas pela não discussão e um não debate. Temas como o abuso sexual se encontram nesta vereda, do mesmo modo que as formas de expressão da sexualidade por homens gays também integram o caminho.

A leitora e o leitor têm em mãos um livro potente, que dispensa maiores apresentações. Fica apenas o convite para se enveredar pelos caminhos da dissidência e da resistência.

Marcelo Chaves Soares

Edmar Reis Thiengo

Organizadores

SUMÁRIO

I VEREDA - SEXUALIDADE, NARRATIVAS E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1..... 1

SEXUALIDADE ENGAVETADA NA ESCOLA: SOMOS SERES NÃO SEXUAIS?

Joel Almeida Neto
Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 2..... 15

PERCEÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADE E SUA DISCUSSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 3..... 33

SEXUALIDADES EXPRESSAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: UM DEBATE URGENTE

Jésus Gomes de Souza
Kátia Gonçalves Castor
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 4..... 51

NARRATIVAS ADOLESCENTES: SEXUALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

Thiago Fernandes Madeira

II VEREDA - GÊNERO, CORPO E DISSIDÊNCIAS

CAPÍTULO 5..... 61

CORPOS-TERRITÓRIOS-LGBT+ NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA BAHIA: IMAGENS, NARRATIVAS E (RE)EXISTÊNCIAS

Janivaldo Pacheco Cordeiro
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

CAPÍTULO 6..... 73

AGONÍSTICA E GÊNERO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: DOS LIVROS ÀS REDES SOCIAIS

Pablo Ornelas Rosa
Aknaton Toczec Souza
Jésio Zamboni

CAPÍTULO 7..... 90

CORPOS QUE IMPORTAM: O PROCESSO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL NA VIDA DE UMA MULHER *TRANS*

Marcelo Chaves Soares
Bianca Santos da Silva

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 8..... 100

QUANDO A ARTE TRANSGRIDE: SUBVERSÃO *QUEER*-CONTRASSEXUAL NA OBRA DE CARLOS MOTTA

Marcelo Chaves Soares

III VEREDA - SEXUALIDADES E OUTROS CONTEXTOS

CAPÍTULO 9..... 110

DO PASSIVO AO ATIVO: PARA REPENSAR AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS DO SEXO

Marcelo Chaves Soares

CAPÍTULO 10..... 118

INDÍCIOS DE ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXÕES A PARTIR DE DIÁLOGOS COM EDUCADORES

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 11 131

CRIANÇA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO SOBRE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

Edmar Reis Thiengo

Paulo Roberto Pereira Junior

SOBRE OS ORGANIZADORES 141

SOBRE OS AUTORES 142

INDÍCIOS DE ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXÕES A PARTIR DE DIÁLOGOS COM EDUCADORES

Data de aceite: 20/09/2022

Edmar Reis Thiengo

Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes

RESUMO: O abuso sexual em crianças é assunto controverso e ainda considerado tabu por muitos educadores. Considerando a importância e urgência em se discutir a identificação de sinais do abuso na escola, buscamos responder a seguinte questão: como identificar se uma criança ou um adolescente pode estar sendo vítima de abuso sexual? Dessa forma, o objetivo deste estudo é contribuir para a proteção de crianças e adolescentes, identificando e distinguindo o desenvolvimento normal do desenvolvimento sexual atípico, concentrando nosso estudo nos sinais de advertência do abuso sexual que podem passar despercebidos ou serem ignorados. Este trabalho foi fruto do recorte de um seminário sobre Abuso Sexual Infantil realizado junto a alunos da disciplina “Diversidade e Inclusão Social” do Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo.

PALAVRAS CHAVES: violência sexual; identificação de sinais e sintomas.

DISCUSSÕES INICIAIS

O abuso sexual em crianças (ASC) pode

ser entendido como ato ou jogo sexual em que o adulto submete a criança ou o adolescente às suas fantasias, como forma de excitar-se ou satisfazer-se sexualmente. Utilizando-se inicialmente de estratégias que despertem a confiança da criança ou adolescente, o adulto envolve a envolve em um jogo de sedução com palavras afetivas e encantadoras, oferta de presentes, promessas de realização de sonhos imediatos, para em seguida, após a obtenção de alguma vantagem, para continuar o processo, passa para ameaças psicológicas e/ou físicas.

Segundo Lowenkron (2015, p. 69) o termo abuso “é utilizado também junto à categoria violência sexual quando o ato sexual é articulado a outras violências”. Assim os crimes sexuais geralmente vêm acompanhados de violência física, psicológica, seguido do abandono e a negligência. Independentemente de quem pratica, o abuso constitui uma das mais terríveis categorias de maus-tratos, causando efeitos tão nocivos que poderão persistir até a fase adulta ou tornarem-se irreversíveis, caso certas providências não forem tomadas.

Números oficiais obtidos através do disque denúncia (disque 100) do Governo Federal e da Organização das Nações Unidas (ONU) mostram o quanto corpos infantis têm sido usados das mais diversas formas, seja para a exploração de mão-de-obra barata, seja para satisfazer o prazer sexual adulto. Em 2015, a ONU constatou que,

no mundo, um total de 150 milhões de meninas e 73 milhões de meninos foram abusados sexualmente. Nos informa ainda, a ONU, que a cada 15 segundos uma criança é vítima de abuso sexual no mundo.

O Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC) demonstra que no Brasil, a cada 8 minutos uma criança sofre abuso sexual. O ASC afeta 15% dos 65 milhões de menores de 18 no Brasil, ou seja, cerca de 10 milhões de crianças e adolescentes, e desse total, 6,5 milhões das agressões são contra meninas, sendo que cerca de 300 mil são vítimas de incesto - pai-filha - todos os anos e mais de 100 mil tentam suicídio em decorrência desse fato. Desses números, em cerca de 70% dos casos os abusadores são pessoas próximas, familiares ou amigos, que frequentam o ambiente com liberdade e conhecem a rotina da família. Chama atenção o número de casos denunciados à polícia: apenas 2%.¹

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, juntamente com outras normas e acordos internacionais, fez com que o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes tornassem alvo de preocupação mundial deixando de ser apenas um crime contra a liberdade sexual, mas uma violação dos direitos humanos, ou seja, direito ao respeito, à dignidade, à liberdade, à convivência familiar e comunitária e ao desenvolvimento de uma sexualidade saudável.

CONHECENDO OS PERSONAGENS

Uma leitura atenta das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) aponta para um trabalho de orientação sexual nas escolas como forma de prevenir por exemplo as discriminações, as doenças sexualmente transmissíveis, sem, no entanto, avançar numa direção propositiva de abordagem direta ao abuso sexual infantil, e em especial, à constatação dos sinais e sintomas de ASC e outras formas de abuso que a criança sofra ou venha sofrer.

Brino e Williams (2003) enfatizam que, “a escola mostra-se como um lugar ideal para a detecção e intervenção em casos de abuso sexual infantil” (2003, p. 113), pois deve ter como objetivo a garantia da qualidade de vida de seus alunos e a promoção da cidadania. Os autores relatam ainda que em uma pesquisa realizada por estudiosos do assunto, em 44 % dos casos de abuso sexual, o professor era a primeira pessoa a tomar conhecimento do fato. Por meio desses dados, comprova-se o importante papel do professor na denúncia sobre a ocorrência de abuso sexual, pois ele é, em grande parte dos casos, o primeiro que poderá auxiliar a romper o círculo de silêncio que ronda a relação de poder entre o pedófilo e a criança ou adolescente.

Uma criança que é vítima de abuso sexual apresentará graves sequelas psicológicas,

1. Disponível em: <http://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/2012/05/abusos-cometidos-por-pais-ordenados-pelo-alem-e-brindados-com-champagne-chocam-es.html>

emocionais, físicas e outras que, diretamente, afetarão seu comportamento e sua vida escolar.

Além disso, vale ressaltar o compromisso outorgado da escola, em termos éticos e legais, em notificar às autoridades competentes, casos suspeitos ou confirmados de maus-tratos, que inclui a violência sexual/pedofilia. Conforme explicita o Estatuto da Criança e do Adolescente:

Deixar o médico, professor, ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:

Pena: multa de 3 a 20 salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência (ECA, 2000, p. 90).

Assim, diante da gravidade que encerra a violência sexual para a criança e para o adolescente e, considerando que a escola deve ter como objetivo garantir a qualidade de vida de sua clientela, “identificar os casos de violência contra a criança e o adolescente são obrigações dos profissionais que trabalham com crianças e adolescentes e, em especial, do professor” (ABRAPIA, 1997, p. 6).

É preocupante a forma como a escola e a sociedade se escondem atrás de um tabu inexplicável: a não discussão do tema “abuso sexual de crianças”, bem como seus sintomas, seja em sala de aula ou mesmo fora dela. Ao cobrir os olhos e tapar os ouvidos para tais questões, deixamos as crianças à mercê dos agressores e com isso o problema só aumenta. Assim, considerando e percebendo a necessidade de discussão da temática no sentido de prevenção é que propomos a seguinte questão que norteará este estudo: quais são os indícios de ASC e como identificá-los?

Na busca de resposta a essa pergunta, este estudo foi elaborado com base em um recorte do seminário sobre Abuso Sexual Infantil apresentado aos alunos da disciplina “Diversidade e Inclusão Social”, ministrada pelo autor, no Programa de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes, que objetivou contribuir para a proteção de crianças e adolescentes, identificando e distinguindo o desenvolvimento normal do desenvolvimento sexual, concentramos nosso estudo nos indícios do abuso sexual infantil que podem passar despercebidos ou serem ignorados.

Em sua obra, Sanderson (2008) orienta pais e professores quanto ao reconhecimento de uma criança abusada sexualmente a partir da identificação de seus sinais e sintomas, fortalecendo a importância desses saberes na identificação de possíveis casos de abuso:

Também é fundamentalmente importante que todos os professores sejam treinados de maneira adequada quanto a um entendimento do abuso sexual em crianças (ASC), não apenas em termos das complexas questões envolvidas, mas também do impacto que ele tem sobre a criança. Só tendo

um adequado entendimento da criança sexualmente abusada é que os professores podem ter esperanças de identificar as crianças que correm risco ou as que estão sendo abusadas. Além disso, esse conhecimento capacita os professores a identificar aquelas crianças que podem ser sexualmente abusadas. Uma identificação precoce protege outras crianças, e também permite que intervenções apropriadas sejam feitas para ajudar as vítimas de ASC (SANDERSON, 2008, p. 281).

Toda criança que sofre abuso sexual deve ser também foco de atenção da escola. Considerando-se que ela tem como objetivo garantir a qualidade de vida de sua clientela, bem como promover a cidadania e a inclusão, urge capacitar tanto o corpo docente quanto a equipe gestora para enfrentarem a difícil questão do abuso sexual infantil.

SOBRE SINAIS, PISTAS, INDÍCIOS

Nem todas as crianças são capazes de revelar o abuso por temerem consequências. Para contextualizar uma situação de abuso sexual, é preciso reconhecer que embora existam muitos sinais em comum, a série de sintomas pode variar imensamente entre as crianças. Elas podem encontrar diversas formas de comunicar seus medos e ansiedades aos adultos, ainda que de maneira muito sutil. De acordo com Sayão (2006):

Educadores, outros profissionais e todas as pessoas que convivem com crianças e adolescentes, e até mesmo os próprios adolescentes, devem estar atentos para identificar os casos de violência sexual. Essa atenção é fundamental, pois aproximadamente 60% dos casos de abuso sexual não deixam vestígios físicos (SAYÃO, 2006, p. 37).

Para tanto, é necessária a preocupação em evitar julgamentos prévios da ocorrência de abusos baseados apenas em uma única forma de expressão da criança-vítima, já que algumas manifestações da criança podem indicar outros problemas que ela possa estar enfrentando. É preciso que se conheça a criança em seu contexto social, sua família, amigos, seu mundo, associados aos sinais e sintomas observados. As crianças mostram bem mais do que contam para os adultos, quando alguma coisa as está incomodando (SANDERSON, 2008).

A maior dificuldade para os pais, professores e profissionais que cuidam de crianças é saber quais sinais e sintomas procurar a fim de agir de modo eficiente e proteger a criança. Como não existe uma “fórmula” ou sequência de manifestações dos casos de abuso fica difícil indicar com precisão se a criança (ou adolescente) foi vítima de violência sexual.

A atenção e a observação sensível são fundamentais para que se possa identificar um caso de abuso sexual, pois da mesma forma que não podemos concluir inconsequentemente que se trata de abuso, devemos estar cientes de que as crianças podem fazer de tudo para negar que estão sendo violentadas, por estarem apavoradas,

constrangidas ou coagidas pelo abusador. É preciso um equilíbrio consciente e cauteloso.

Os sinais e sintomas dos abusos sexuais variam conforme os numerosos fatores que se intrincam. De acordo com Sanderson (2008), não podemos falar de trauma infligido à criança sem considerar: o contexto no qual ele ocorre, isto é, a situação da criança em sua família; o efeito que o abuso terá após a revelação; a idade e a maturidade fisiológica e psicológica do abusador e principalmente da vítima na época do abuso; a duração e a frequência do ato; o elo que une a criança e o abusador; a natureza do ato imposto à criança (contato físico, masturbação recíproca, exibicionismo) e o uso da força ou da violência.

A cartilha da CPI contra a Pedofilia, de uma maneira geral, exhibe de forma clara as consequências nefastas de um abuso sexual a uma criança, após um ataque:

As principais consequências são: elas se tornam retraídas, perdem a confiança no adulto, ficam aterrorizadas, deprimidas e confusas, sentem medo de serem castigadas, às vezes até sentem vontade de morrer, perdem o amor próprio, têm queda no rendimento escolar, apresentam sexualidade não correspondente à sua idade (BRASIL, s.d., p. 22-23).

Apesar de inúmeras concepções e características sobre os sinais e sintomas de abuso sexual em crianças, muitos deles ficam esquecidos, não sendo mencionados ou quando descobertos não são registrados, e, alguns por sua vez, são essenciais para identificação de um abuso.

Sendo assim, para melhor assimilação e compreensão, Sanderson (2008) assegura que as categorias das consequências do abuso sexual podem ser agrupadas em seis efeitos. São eles: **emocionais, interpessoais, comportamentais, cognitivos, físicos e sexuais**. Explorando esses efeitos, entenderemos o que a criança está tentando mostrar por meio dessa comunicação, uma vez que cada sinal possui um significado específico.

A apropriação desses conhecimentos equivalente aos sintomas indicará a melhor direção a ser tomada para proteger a criança. Reconhecendo os sintomas com cautela e atenção, com certeza o monstro estará mais perto de ser descoberto. É o que veremos no tópico a seguir.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Esta investigação qualitativa teve seus dados produzidos a partir de observações do investigador, rodas de conversas, anotações feitas pelos participantes e fotografias produzidas ao longo do seminário. No quadro 1 apresentamos um resumo das técnicas e instrumentos empregados na coleta de dados durante a intervenção pedagógica realizada no seminário inicialmente citado.

Investigação	Técnicas	Instrumentos
Investigação Qualitativa	Observações	Anotações do investigador
	Imagens	Fotografias e filmagens como registros dos momentos
	Relatos orais e escritos	Anotações produzidas pelos estudantes

Quadro 1: Resumo do instrumento utilizado para produção de dados

Fonte: O autor.

Após uma breve explicação sobre a importância dos conhecimentos acerca dos sinais ou sintomas que a criança pode apresentar, foi distribuído para cada participante uma caneta e uma folha de papel em branco e solicitado para que a dividissem em seis espaços com o título de cada categoria-efeito conforme citado por Sanderon (2008). O mesmo foi realizado pelo palestrante, porém, no quadro da sala de aula. Uma observação considerável é a não obrigatoriedade de identificação pessoal na folha.

Em seguida, os participantes foram informados que seria exibido um vídeo intitulado Removida² e solicitado a atenção total dos participantes na tentativa de: 1- identificar as consequências do ASC no vídeo; 2- associá-las ao respectivo efeito que representam; 3- explicar e analisar o contexto dessa relação.

Vale lembrar que as respostas não estariam baseadas apenas no que fora exibido na mídia, mas nos conceitos apresentados até então durante o seminário e também o conhecimento prévio dos participantes sobre o assunto, inclusive o fato de um mesmo efeito poder induzir a outro, podendo esse estar enquadrado na mesma categoria ou não. O vídeo atuaria apenas como suporte básico, estrutural.

Para exemplificar o que seria realizado pelos participantes, o palestrante citou a “vergonha” como sintoma de ASC sofrido por Zoe – protagonista do vídeo - e classificou-o como um efeito emocional. Pois junto da vergonha está relacionada uma grande variedade de emoções (e sintomas) como a ansiedade em relação a si mesma, a timidez, o medo, a impotência, causadas pela resposta, até mesmo involuntária, do corpo ao contato sexual. Além disso a vergonha pode ser um fator poderoso para esconder o abuso sexual, uma vez que a criança sente vergonha do corpo, de si mesma e dos próprios sentimentos.

Todos os sinais e sintomas identificados pelos participantes foram transcritos em suas respectivas folhas a fim de serem discutidos e, posteriormente recolhidas pelo palestrante para a análise dos dados.

DISCUTINDO OS DADOS

Após o término do vídeo, durante longos segundos, um absoluto silêncio inundou

2. Disponível em: <https://www.removedfilm.com/>. Acesso em 14 de jun de 2022.

a sala, que por sua vez encontrava-se mergulhada em profundas e cabisbaixas reflexões. Em seguida, as primeiras observações começaram a emergir.

Todos os efeitos foram muito bem respondidos, porém merecem destaque pela quantidade de respostas, os emocionais, sexuais e físicos. Vale transcrever alguns trechos relevantes dos efeitos mencionados pelos participantes durante a prática. Considerei aqui, nomes fictícios para cada participante.

Eu indiquei o medo como sintoma emocional pelo fato do abuso fazer com que as crianças fiquem com medo e muito concentradas, e não consigam controlar o que estão sentindo ou suas emoções. O medo está presente do início ao fim do ato abusivo, porque mesmo que a criança não tema o abuso – o que acho muito difícil –, ela irá temer a reação dos pais, o descobrimento do segredo e até mesmo o medo em perder sua vida, danos à saúde, etc. O medo domina todo o processo.

Marcos³

Sem sombra de dúvidas a criança medrosa é tensa, nervosa e ansiosa. Muitas vezes ela se torna fria, sem espontaneidade e vazias por dentro. Esse abismo interior que recebe o nome de trauma, se não for bem trabalhado, perseguirá o indivíduo abusado até a fase adulta ou até mesmo para o resto da vida.

Beleza, o medo é uma consequência para o emocional da criança. Concordo. Mas como que eu vou identificá-lo e pior ... relacioná-lo com abuso sexual infantil? Gente, criança tem medo de tudo, de muita coisa. Se for muito pequena então ... fica muito difícil confiar.

Penha

Com resposta de Paula à pergunta, foi explicado que no caso de crianças mais novas por exemplo, o simples medo de trocar a fralda e ser segurada no colo é um ato indicativo de medo que pode ter por causa o ASC (SANDERSON, 2008). Além disso, o medo de ficar sozinha em casa com estranhos, fobias com relação a algo que remete a sexo ou aparência de certos traumas, também são indícios. A criança sexualmente abusada não terá medo de tudo, mas sim de fatos que venham violar a integridade de seu corpo.

Pegando o 'gancho' do medo e o exemplo da vergonha, podemos considerar a inibição da criança quanto aos relacionamentos, comunicação até mesmo para ela guardar segredos. Ela não quer ter contato com os outros. Isso é um efeito interpessoal. Como a Zoe no filme que sempre estava isolada, fechada, em silêncio na escola e até mesmo dentro das casas por onde ela passou.

Joana

3. Todas as citações que estiverem em itálico, com recuo 4cm, fonte 10, justificadas à direita em espaçamento simples, referem-se aos depoimentos dos participantes da pesquisa.

Os efeitos interpessoais do abuso sexual infantil se concentram em como as crianças se relacionam com os outros e na qualidade de seus relacionamentos (comunicação/ interação). Ela evita situações em que seu corpo se torne foco de atenção, como nas atividades esportivas por exemplo, justamente por ter o sentimento de identidade distorcido. Desaparecer para evitar contato com os outros poderá ser seu maior desejo.

Verdade. Eu coloquei como efeito interpessoal o fato dela evitar o contato social com os outros por meio de violência, agressões, gritarias e explosões de raiva. Coloquei isso também em efeito comportamental.

Marta

Nesse sentido:

Estar em contato demonstra a vulnerabilidade, a carência e o sentimento de impotência da criança. Ela teme que sua vulnerabilidade seja exposta ou que seja dominada e precisa se defender contra isso. Em outras palavras, o melhor modo de defesa se torna o ataque (SANDERSON, 2008, p. 209).

Os efeitos comportamentais foram os mais difíceis de serem classificados corretamente, uma vez que facilmente são confundidos com os emocionais, interpessoais ou cognitivos pelo fato de seus sintomas perpassarem por esses outros efeitos.

O primeiro tópico discutido, refere-se ao campo “comportamental” gerou uma observação importante. Quando perguntado o porquê de o participante citar “brincadeiras envolvendo insinuação a sexo” o participante respondeu:

Eu percebo pelo (a) meu (a) filho (a). As minhas ações no cotidiano com ela dentro de casa refletem em como ela interage com os brinquedinhos dele (a) e nas brincadeiras comigo e com os amigos. Ela tenta me imitar ou reproduzir o que faço o tempo todo. Por isso que acho que uma criança que foi abusada vai querer brincar ou ter uma postura, algo que remete a sexo em suas brincadeiras ou com seus brinquedos.

Paulo

Nesse momento, a convidada Carina Sabadini⁴ complementou a fala do participante falando um pouco do que vivenciou na coordenadoria do Programa Sentinela com relação a sinais e sintomas de crianças e adolescentes abusados sexualmente:

4. Carina Sabadini foi a convidada do seminário que deu origem a este estudo. Em sua fala trouxe alguns dados e casos que vivenciou quando atuou como pedagoga/coordenadora do Programa Sentinela – serviço de referência que se destinava à articulação das Políticas de Garantia de Direitos da Criança, do Adolescente e da Assistência Social. Com um público alvo composto de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intra e/ou extrafamiliar, bem como, de exploração sexual comercial, em situações circunstanciais e ou contextuais, de risco ou de extremo risco e também vítimas de violência psicológica, violência física e negligência. Consoante à concepção jurídica do Estatuto da Criança e do Adolescente, três eixos respaldam a política do Programa Sentinela: a prevenção, o atendimento e a defesa. Durante o período que atuou no Programa foram atendidos 118 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, 46 de violência física, 134 de violência psicológica, 49 de negligência e 06 casos de exploração sexual – somente no município em que atuava.

Na ação de brincar a criança naturalmente revive suas experiências do dia a dia e acaba revelando muito do seu interior. Dependendo da brincadeira, ela adota diferentes papéis e experimenta como é ser um personagem em particular. A criança abusada sexualmente pode sim reencenar seu abuso sexual por meio de uma brincadeira tanto com outras pessoas quanto com brinquedos, sempre trazendo elementos sexuais.

Carina Sabadini

E Carina prosseguiu em suas reflexões:

Outras características do efeito comportamental, esse por sua vez mais difícil de serem identificados, mas que frequentemente observávamos no Programa são os desenhos, pinturas e histórias das crianças. As pinturas e os desenhos são formas de comunicação para o público infantil. Crianças pequenas geralmente desenhavam pauzinhos simples que representam as pessoas que mais gostam ou confiam sem exibir características sexuais como mamilos ou genitálias. Fato esse que diverge das crianças que sofrem ou sofreram ASC que na maioria dos casos vem trazendo um “elemento a mais” em suas artes. A questão da pintura dos desenhos também reflete muito a violência sofrida. A preferência por cores fortes marcantes como o vermelho e o preto, cores frias e desenhos sem vida são traços de crianças abusadas. Até mesmo as histórias infantis, ou em suas próprias narrativas temos indício de abuso quando por exemplo a criança na história está sempre sendo caçadas ou perseguidas por “monstros”. Apesar de tudo isso fazer parte do imaginário da criança, é a qualidade da história, pintura ou desenho e o que está sendo representado que nos dava uma pista se ela estava sendo abusada sexualmente ou não. É preciso muito cuidado e atenção.

Carina Sabadini

Os sintomas cognitivos, em geral, foram mencionados com base no ambiente escolar vivenciado pela criança/adolescente: memória afetada, de capacidade reduzida; criança inerte; imaginação fértil; baixo rendimento escolar; pouca atenção e concentração.

Uma criança que está sempre preocupada, com medo, terror, confusa ou que antecipa o próximo acesso sexual não vai conseguir prestar atenção no que se espera que aprenda na escola. Essas crianças se comportam como se estivessem em um mundo de sonho e parecem aéreas na classe, quase rudes em suas respostas (SANDERSON, 2008, p. 220).

O grande aproveitamento acadêmico citado como exemplo de efeito cognitivo pelo palestrante chamou a atenção de todos, pois não conseguiam ver algo de positivo para a criança, principalmente no âmbito escolar.

Como que uma criança abusada sexualmente, com essa quantidade de problemas que estamos falando vai se sair bem nas aulas? Ela não vai conseguir aprender nada.

Sara

Foi explicado que algumas crianças, mesmo tendo sofrido abuso sexual, podem

sim ter um super aproveitamento na escola, se destacando até mais do que uma criança não abusada. Isso pode acontecer em função dessas crianças encontrarem na escola um refúgio do abuso sexual que vivencia fora dali. É que a escola propicia a essas crianças abusadas sexualmente uma distração de sua confusão emocional, fazendo com que elas concentrem toda a sua energia em aquisição de conhecimentos.

Esse apoio que a escola proporciona a essas crianças as mantém a salvo de um perigo emocional muito maior e permite que elas desenvolvam habilidades acadêmicas que não demandam muita energia emocional. Isso ocorre muitas vezes, de maneira automática por parte da escola.

Elas podem se tornar leitores ávidos, sempre procurando saciar sua sede de conhecimento. Ler e aprender se tornam um meio de escapar de sua realidade aterrorizante e obter significado em um mundo muito desestruturado e confuso, em que coisas inexplicáveis acontecem. Crianças sexualmente abusadas, na maioria das vezes, desenvolvem habilidades cognitivas, como estratégias de planejamento, tomada de decisão e fuga, mais cedo do que as crianças não abusadas sexualmente. Isso acontece em parte porque elas precisam decifrar o incompreensível e também desenvolver estratégias para antecipar e evitar o abuso sexual (SANDERSON, 2008, p. 221).

Os sinais e sintomas físicos e sexuais foram os mais simples de serem relatados, sendo confundidos poucas vezes entre si. Chama atenção os problemas relacionados ao sono que foi citado como cognitivo e é físico e a presença de sêmen, inflamação e infecção que são efeitos físicos e foram mencionados em sexuais. A sexualidade precoce foi mencionada quase unanimemente como efeito sexual.

Inúmeros sinais e sintomas de abuso sexual em crianças foram relatados pelos participantes do seminário. Alguns em seus respectivos efeitos e outros confundidos e distribuídos em outras categorias sendo direcionados, após a discussão, ao efeito correto. Em suma, obteve-se o seguinte quadro resumo de efeitos corretos, com base em Sanderson (2008):

Emocionais	Interpessoais	Comportamentais	Cognitivos	Físicos	Sexuais
Medo	Solidão	Sexualização precoce	Memória alterada	Dores	Aversão ao sexo
Culpa	Opressão/Repressão	Distúrbios de conduta	Queda no rendimento escolar	Desconforto com o corpo	Alteração hormonal
Timidez	Isolamento	Promiscuidade	Imaginação fértil	Mau cheiro	Masturbação excessiva
Tristeza	Capacidade de comunicação reduzida	Temas sexuais em brincadeiras, desenho, história e jogos	Dificuldades na concentração e atenção	Hematomas e sangramentos	Problemas menstruais
Confusão	Fuga à proximidade	Amadurecimento precoce	Criança inerte	Coceira e inflamação	
Ódio	Hostilidade	Prática suicidas	Dissociação	Inchaços	Prostituição
Vergonha	Necessidade de se esconder	Sensualidade exagerada	Busca/refúgio na fantasia	Gravidez e Infecções sexualmente transmissíveis	Compreensão avançada de assuntos sexuais

Quadro 2- Sinais e Sintomas de Abuso Sexual em Crianças e Adolescentes

Fonte: Quadro organizado pelos autores a partir das respostas dos participantes

O Quadro 2 traz um resumo dos principais sinais e sintomas de abuso sexual em crianças e adolescentes mencionados de forma correta pelos participantes e seus respectivos efeitos. Pode-se observar que grande parte dos sintomas tem relação e podem ser observados dentro (e até fora) da escola.

Evidencia-se no Quadro 2 aspectos perceptíveis em sala de aula, particularmente os aspectos comportamentais, cognitivos e físicos. O professor deve estar atento a tais aspectos, visto que, ao suspeitar de situações de abuso, ao perceber indícios de que uma criança ou adolescente vem passando por de abuso, o educador precisa comunicar o setor responsável da escola, para que esta acione o conselho tutelar, que tem a função de investigar cada caso.

EM BUSCA DE UM FINAL QUE NEM SEMPRE É FELIZ

A sexualidade ainda é tratada como tabu. Por isso mesmo que é necessário, no mínimo, compreender a sexualidade infanto-juvenil para se discutir o significado da violência sexual e propor metodologias para seu enfrentamento. A criança antes vista como símbolo de pureza e ser assexuado, hoje é retratada como objeto de desejo sexual para algumas pessoas. Isso a torna sujeito de defesa e carente de cuidados, tanto por parte da família, como também de toda a sociedade, mostrando que a todos cabe a obrigação de denunciar quaisquer tipos de abuso.

As atitudes preventivas e reparatórias e a detenção do abuso sexual infantil

pressupõem uma intervenção integrada e coordenada que deve ser efetivado por meio de medidas que precisam ser trabalhadas de maneira integrada e paralela por parte de todos os setores da sociedade. Essa intervenção abrange o oferecimento de assistência à criança-vítima, o treinamento dos profissionais que lidam com o problema e, ainda, a realização de trabalho específico com os agressores.

A escola, por ser instituição que ocupa lugar privilegiado na rede de atenção à criança e ao adolescente, deve assumir papel de protagonista nessa perspectiva de identificação, combate e prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes. Ela exerce um papel imprescindível no sentido de possibilitar que as crianças e adolescentes tenham apoio e sejam protegidos com ações educativas orientados pela autodefesa, conscientização e à valorização de suas etapas de crescimento.

Os professores, juntamente com os pais, compõem a principal fonte de confiança, informações e conselhos da criança. Logo, possuem maiores chances de conhecer melhor a criança, acompanhar suas mudanças de comportamento e identificar os sinais e sintomas de ASC. Se tiverem um conhecimento correto sobre abuso sexual infantil, poderão ser essenciais para a identificação de crianças que estejam sendo vítimas de abuso, proporcionando um ambiente seguro no qual a criança tenha condições de revelá-lo.

Conhecer as características de cada fase do crescimento infantil pode ajudar a evitar equívocos na maneira de lidar com a sexualidade da criança e do adolescente, respeitando formas de expressão da sexualidade, sem reprimi-las (HAZEU, 2004). É preciso ter em mente que crianças muito pequenas por exemplo, são incapazes de verbalizar a violência. As mais velhas e os adolescentes, embora tenham habilidades mais elevadas, na maioria dos casos acham difícil revelar a experiência devido ao constrangimento representado por uma mistura de medo, vergonha e culpa por estar envolvido com abuso sexual.

Identificar sinais e sintomas de ASC para prevenir e erradicar esse pesadelo não é tarefa fácil. Mas após o término do seminário, constatamos que não é impossível. Esses saberes devem ser estudados separadamente, assim como na prática executada e são imprescindíveis para a prevenção.

A atividade possibilitou o aprimoramento de conteúdos já dominados, o aparecimento de novos termos e conceitos, e até mesmo a descoberta de sintomas que até então eram desconhecidos por grande parte dos participantes. O quadro resumo gerado após o término da atividade, se analisado à ótica do ambiente escolar, serve como auxílio prático na identificação e prevenção de possíveis abusos.

Vale lembrar que é preciso estar atento a cada detalhe da criança a fim de aplicarmos esta intervenção. A observação detalhada torna-se o eixo principal. Analisar a criança/adolescente com base na elaboração e divisão dos seis efeitos, assim como no quadro resumo, facilitará o reconhecimento e a organização dos sinais e sintomas.

Os efeitos do ASC são peças-chave na proteção de crianças e adolescentes. São as “pegadas”, os rastros que monstros abusadores deixam que nos possibilitam identificá-los e assim, puni-los. Seja sob forma de qualificação profissional ou como fonte de conhecimentos, é indispensável a obtenção desses saberes. Identificar é preciso.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (ABRAPIA). **Abuso sexual contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção - guia de orientação para educadores**. Petrópolis, RJ: Autores & Agentes & Associados, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Estatuto da Criança e do Adolescente** - Lei Federal nº 8.069/90, Imprensa Oficial, CONDECA, 2000.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-juvenil**. Brasília: MJ / SEDH / DCA, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade cultural orientação sexual**. Vol. 10. DP & A, 2000.

BRINO, R. F; WILLIAMS, L. C. A. **Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil**. Cadernos de Pesquisa, julho, 2003. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Autores Associados.

HAZEU, M.; FONSECA, S. **Direitos Sexuais da Criança e do Adolescente – Leitura Social e Jurídica da Exploração Sexual**. Belém, PA: Centro de Defesa dos Direitos da Criança – CEDECA-Emaús. 2004.

LOWENKRON, L. **O monstro contemporâneo: a construção social da pedofilia em múltiplos planos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

SANDERSON, C. **Abuso Sexual em Crianças: Fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais**. (Tradução Frank de Oliveira). São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2008.

SAYÃO, Y. **Refazendo laços de proteção: ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes**: manual de orientação para educadores. São Paulo: CENPEC: CHILDHOOD – Instituto WCF-Brasil, 2006. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/childhood/refazendo_lacos_sjc_net.pdf. Acesso em 14 jun de 2022.

SILVA, R. da; THIENGO, E. R. Tocando o Intocável: do abuso sexual e pedofilia às consequências pedagógicas. In: THIENGO, E. R. **Indiferenças em Questão: conversando sobre inclusão**. Vitória: Edites, 2017.

GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

